

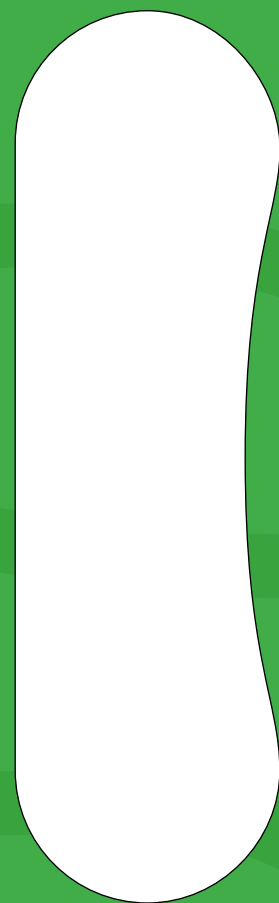
Pequeno

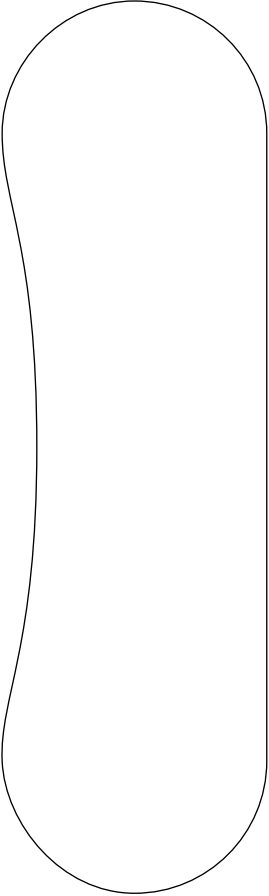
inventário

da

imensidão

texto Christiane Tassis





Viajo lentamente com o dedo sobre o rio, acompanho a cobra verde de cima, da janelinha do avião. Manchas verdes fosforescentes contrastam com o verde escuro do rio e dançam sobre o seu corpo. Rio-serpente, rio estampado circundando a floresta labirinto: sobrevoa a Floresta Amazônica.

Desembarco. Embarco sobre o chão líquido: mergulho no mundo dos barcos. Redes coloridas atravessam o caminho, Cosmococas de Helio Oiticica. Índios por todos os lados, de todas as tribos. O pé-direito é baixo, ando dobrada através das redes, Alice que cresceu demais no País das Maravilhas.

Na cabine minúscula, me sinto dentro da cabeça de John Malkovich no filme. Não quero ser John Malkovich: quero ser índia, como a linda cunhatã que me observa e timidamente vira os olhos ao ver que a percebi. Me faço sanduíche no beliche. A porta arredondada da cabine emoldura a paisagem: selva, rio, praia, pássaros. Paisagem móvel, quadro líquido. Incluo no mapa que crio com o olhar.

A imensidão vem aos poucos. O rio Negro me traz luz, rio, peixe, boto, árvore, céu e floresta enquanto permaneço em estado de planta. A expressão espelho d'água ganha a sua mais completa tradução: as nuvens flutuam no rio, as árvores se duplicam na água. Se toco nela, encosto no céu e na floresta. Me afundo neles de tanto olhar.

Um mundo pontilhado se move pelo espaço: insetos também são passageiros do barco. Besouros fazem amor encontrando-se no ar, moscas, mosquitos, mosquitinhos, grilos, mariposas: o minúsculo se impõe sobre o imenso. Uma aranha flutua sobre o Rio Negro costurando seu caminho invisível.

O rio me traz o pôr-do-sol e um barquinho de madeira transportando piaçaba em rolos. A tripulação de lá acena. A de cá também. Uma profusão de mãos se oferecendo, sabendo que jamais se tocarão. Imagino como seria a vida se todos os motoristas acenassem uns para os outros no asfalto. O trans-

porte fluvial tem uma cordialidade impossível para nós, seres terrestres.

Começa a chover. O Rio Negro move-se com a nova pele que a tempestade lhe traz: relevos azul claro/azul escuro, manchas móveis.

Em meia hora a água para de cair. As nuvens cinzas se vão. O sol volta a se deitar sobre o rio. “A água, qual pele que ninguém pode ferir, é acariciada pelo homem e pelo peixe”, escreveu Paul Éluard. O rio Negro acaricia a floresta e é acariciado pelos peixes. Coloco pés e mãos na água. Assim caminho: anfíbia.

No horizonte, uma pequena comunidade com palafitas de madeira envolta pela floresta. Crianças brincam sobre um tronco. Uma mulher pesca sem anzol, só com a linha. Uma criança balança algo na superfície da água. Um corpo estranho se aproxima de sua mão e ela ri. O boto rosa come o peixe que ela lhe oferecia.

Anoitece. Subo para a proa. Não ausência das luzes da civilização, o céu se emenda com a floresta e o rio e eu navego pelo infinito estrelado. Nunca o universo esteve tão disponível para o toque. O barco atravessa o universo flutuando entre os planetas, e quase posso encostar nas estrelas. Vez ou outra uma delas cai na água.

O silêncio dos peixes continua existindo mesmo quando aumentam a música no restaurante do barco. Meus olhos procuram mais estrelas cadentes e um peixe prateado salta na água: teriam caído?

Sonho que em meu corpo passeiam peixes de plumas, me fazem cócegas e um boto me empurra com o seu bico sorridente. Escuto sapos e pássaros noturnos. E acordo com um sol líquido que inunda a cabine - Terra à vista! O chão já não é água e raiz. Pela primeira vez vejo uma cidade. Alguém me estende a mão, passo do chão móvel para a terra firme. Começo novamente a utilizar minhas pernas, mas continuo a caminhar com os pés um pouco acima do chão. **E**